

## parece que erraram na conta

● Janeiro de 1963: faço 50 anos.

Não é divertido. Para falar com franqueza, eu preferia (e obscuramente sinto vontade de dizer: eu *merecia*) fazer quarenta anos. Esta a idade que me apraz imaginar que possuo. Não tenho saudade de meus 30 anos, quero dizer — não teria vontade de voltar a ser como eu era aos 30 anos — e muito menos aos 20. Mas, 40 acho que faria uma boa conta.

Sei que não adianta reclamar, mas acho que fui roubado. Contaram-me dez anos a mais... Naturalmente somaram tudo, tudo, inclusive o tempo que passei, vamos dizer, perdendo tempo. Por exemplo: andando atrás de mulher que não queria saber de mim. Isso não devia valer. Que me marcassem agora 45 anos, vá lá. 50, francamente, acho um pouco demais, e um pouco demasiado de repente. Parece que não há remédio senão aceitar. Aceito resmungando, como quem paga, de má-vontade, uma conta de bar que está achando exagerada.

Cinquenta anos... Uma injustiça, sem dúvida alguma. Logo comigo, que tinha tanta vocação para ser rapaz!

Sou, na verdade, um velho rapaz, e faço meus 50 anos sem rir, sem chorar; sem chorar, sem rir. Resmungando, é natural. O momento seria bom para uma pausa, um balanço, um exame de consciência. Vou pensar nisso; mas agora não, ainda estou meio chocado com essa brincadeira bôba.

\* \* \*

A verdade é que a gente não envelhece por igual, como essas frutas dos pomares bem cuidados. A gente envelhece como goiaba da roça; uma parte está de vez, outra já madura, um pedaço ainda está verde e já outro prêto, bichado.

Essa comparação não deve ser minha; acho que já li isso em alguma parte, talvez em Gilberto Amado; parece coisa dêle.

\* \* \*

Para disfarçar, e como tinha de viajar, arranjei as coisas para passar o dia de meu aniversário em viagem. Saí cedo de Rabat em automóvel para pegar em Casablanca um avião que me levaria a Lisboa, onde no dia seguinte embarcaria para o Rio. Mas o aeroporto de Lisboa esteve trancado por um nevoeiro, e como as notícias eram incertas passei o dia entre o aeroporto, o hotel e a agência da companhia; acabei fazendo uma escala absurda em Madri, que é mais longe do que Lisboa.

Essa confusão aborrecida me deu a vaga impressão de estar entrando clandestinamente na minha segunda metade de século. Metade, por sinal, bem menor que a primeira...

\* \* \*

Só há um consôlo verdadeiro: a companhia. Fazendo 50 anos em 1963 eu me igualo, pelo menos em idade, a duas das mais altas e puras instituições cariocas: Vinicius de Moraes e o bondinho do Pão de Açúcar. O poeta faz 50 anos em 19 de outubro; o bondinho fêz agora mesmo, em janeiro, um pouco depois de mim.

Nesses 50 anos de funcionamento, êsse bondinho teve raros acidentes, já deu muito susto e já ameaçou se despençar no abismo, mas nunca matou ninguém. Como o Vinicius de Moraes.

Como o Vinicius de Moraes, cuja poesia também tantas vezes nos leva sôbre a terra e o mar em visões de beleza, entre nuvens e luas... Bons companheiros!

Mas eu preferia fazer quarenta.